

Coala: Brinquedo de Corda da Natureza

*Conheça uma das criaturas mais
carinhosas do mundo—delicada, mas resistente*



Condensado de WALKABOUT FRED DICKENSON

Colocado no canto de um quarto de criança, o coala australiano estaria perfeitamente no seu lugar. Um pêlo macio cobre o seu corpo rechonchudo desde os pequeninos pés até às orelhas arredondadas; olhos prêtos e brilhantes como dois botõezinhos e um focinho en-

vernizado fazem-no parecer-se demais com o tradicional ursinho de pelúcia. Quando êle se move, somos tentados a procurar uma chave de dar corda em suas costas firmes.

A semelhança não acaba aí. Acostumado com o homem, o coala é o mais confiante de todos os animais

selvagens, e, se o pegarmos no colo, êle se aconchegarà dõcilmente a nós e passará o braço pelo nosso pescoço. É também o mais indefeso. Não sabe lutar muito bem nem correr, e, em caso de incêndio, êle simplesmente sobe para o cume de uma árvore e espera a morte. Não obstante, sobreviveu inalterado durante um milhão de anos e é considerado hoje um "fóssil vivo".

Os cientistas teorizam que os antepassados do coala e de outros marsupiais primitivos—tais como o canguru e o ornitorrinco—chegaram à Austrália há milhões de anos por antigas pontes de terra, depois cobertas pelo mar. Êsses marsupiais vagavam pelo continente, livres de grandes animais carnívoros, evoluindo pacífica, mas lentamente, como cavadores, trepadores, saltadores ou até deslizadores. Quando a Austrália ficou completamente separada, êles foram isoladas do resto do mundo. Naqueles tempos caóticos, a terra era alternadamente inundada por água doce e salgada e o coala aprendeu a permanecer nas árvores.

Quase todo mundo se refere ao coala como o "urso nativo" da Austrália. Até mesmo seu nome científico, *Phascolarctos cinereus*, significa "urso-de-bolsa cõr de cinza". Na verdade, marsupial que é, êle nem remotamente é aparentado com a família dos ursos. Mas ninguém parece importar-se com a denominação errõnea. Sua forma atarracada, seu andar lento e desajeitado e sua impressionante semelhança com o

enfeite favorito de um quarto de criança fazem-na parecer acertada.

O coala, que raramente bebe água—o orvalho das fõlhas constitui líquido suficiente para êle—tem sido acusado de beberrão dissimulado por causa de sua aparência sonolenta. David Thomas, zelador encarregado dos coalas no Jardim Zoológico de Taronga, em Sydney, explica:

—Existe uma substância adocicada segregada pelas fõlhas de eucalipto que pode fermentar. Mas não acredito que o coala esteja embriagado. Êle é sonolento. Lembrem-se de que êle é uma criatura noturna e a maioria das pessoas só o vê durante o dia.

Massacrado aos milhões por caçadores de pele, há apenas 40 anos, e levado à beira da extinção, o coala é hoje objeto de programas intensivos de conservação. Em refúgios nas ilhas Filipe e Francesa, em Victoria, os coalas multiplicaram-se tão rapidamente que foram removidos aos milhares para zonas controladas no continente. Há 15 anos restavam 1 500 coalas em Victoria. Agora existem 50 000. São tão ciosamente guardados como "fauna rara e propriedade da Coroa", que ninguém pode tê-los como animais de estimação sem permissão do govêrno.

Os únicos coalas que existem fora da Austrália estão na Califórnia desde 1959—10 no Parque Balboa, em San Diego, e um no Jardim Zoológico de São Francisco. Cada zoológico possui mais de 25 espécies diferentes de eucaliptos—árvores de

“goma”—porque o coala deve mudar de espécie em certas épocas do ano, ou correrá o perigo de envenenamento por ácido prússico que, por motivos desconhecidos, é gerado súbitamente pela sua lanchonete gratuita. Somente êle sabe quando deve mudar.

Escorados em reentrâncias de árvores a pequena altura, os bichinhos dormem a maior parte do dia, acordam ao crepúsculo, trepam mais alto e começam a comer as folhas e a casca tenra da árvore. Embora desajeitado a pé, o coala pode viajar vários quilômetros em uma noite para encontrar alimento, ou por outras razões. Interessado no sexo oposto, o pequeno *Phascolarctos* coleciona um harém de três a sete fêmeas, e continua a gozar a liberdade do solteirão inconstante.

O grito de amor de Papai Coala é surpreendentemente áspero—tem sido comparado ao de uma serra cortando uma tábua fina. Trinta e cinco dias depois de ter sido correspondido, emerge do ventre da mãe um filhote que não excede dois centímetros de comprimento. Ao contrário dos outros marsupiais, a bolsa da fêmea abre para baixo e é para dentro dessa bolsa aquecida que o minúsculo recém-nascido rasteja. Na parte de cima, a bolsa abre túneis para a direita e para a esquerda. Cada cavidade contém uma teta, e é numa dessas que o bebê permanecerá e se nutrirá durante seis meses.

O filhote então mede cerca de 18

centímetros e está coberto de pêlo quando emerge da bolsa e sobe para as costas da mãe. Assim montado, viajará por outros seis meses, enquanto ela o ensina a trepar em árvores e a escolher as folhas que precisa para viver. Adulto, êle pode chegar até cerca de 75 centímetros e pesar aproximadamente 15 quilos.

A fêmea coala é uma mãe amorosa, mas severa. Espectadores têm ficado espantados de vê-la atravessar nos joelhos um filhote mal comportado e dar-lhe vigorosas palmadas, como os humanos. Em represália, êle chora lamentosamente (um soluço tão parecido ao de uma criança que já houve casos de se iniciarem buscas de uma criança desaparecida). Se êle continua a chorar por muito tempo, ela se levanta e o espanca outra vez, até que êle se decide a ficar quieto. Então ela o toma nos braços e os dois vão dormir juntos.

A fêmea filhote pode permanecer com a mãe até ser cortejada e conquistada por um solteirão visitante, mas um macho, ao atingir a maturidade, é “convidado” a partir—às vezes com um tapa repentino—pelo amante mais recente da mãe.

Os filhotes criados por gente tornam-se os mais afetuosos e dependentes de todos os animais de estimação. A Sr.^a Oswin Roberts, da Ilha Filipe, observou certa vez vários coalas agrupados solícitamente à volta de um filhote que chorava—êles recusava alimento, e tôdas as mães voluntárias que tentavam apanhá-lo. A Sr.^a Roberts levou-o para

dentro de casa, onde acalmou seus temores, fêz com que êle tomasse um pouco de leite morno e deu-lhe o nome de Edward.

A Sr.^a Roberts recolheu fôlhas de uma dúzia de eucaliptos diferentes. O minúsculo Edward rejeitou 11 delas e devorou alegremente a décima segunda. Seu pouso favorito logo se tornou o alto da cabeça de sua benfeitora e aí o pequeno órfão viajava satisfeito enquanto ela desempenhava seus trabalhos domésticos. Tendo recebido permissão especial do govêrno para ficar com o animal, a Sr.^a Roberts criou Edward até uma robusta maturidade. Viveu até uma idade avançada. Em cativeiro, essa idade é geralmente de 13 ou 14 anos, mas, na floresta, talvez chegue a 20.

Em 1788, quando o homem ocidental lá chegou pela primeira vez, milhões de coalas viviam na parte oriental da Austrália. No início dêste século, os caçadores descobriram que a pele do animal podia ser vendida no estrangeiro. O massacre alcançou o auge em 1924, quando dois milhões

de peles foram exportados. O coala quase desapareceu.

Conservacionistas alertados entraram em ação. Um a um, os Estados da Comunidade Australiana fizeram leis estabelecendo multas até de 100 dólares para quem pegasse um coala em armadilha ou o matasse. O massacre e os embarques cessaram.

Mas a luta para salvar o coala estava longe de ser ganha. Como êle necessitava de tantos eucaliptos diferentes para sua alimentação, a invasão das fazendas e dos subúrbios ameaçou-o de fome. O que êle precisava era de refúgios naturais, de florestas densas e com contrôle contra incêndios. Isto êle tem agora—em Nova Gales do Sul, em Queensland, em Victoria e na Austrália do Sul.

Embora muitos perigos ainda ameacem a encantadora criaturinha, seu futuro parece garantido pela estima protetora que os australianos lhe dispensam. Os visitantes da Austrália sorriem quando vêem êsse aviso ao longo de muitas estradas: DIRIJA COM CUIDADO—COALAS ATRAVESSAM AQUI.



ACABÁVAMOS de completar nosso treinamento durante a Segunda Guerra Mundial e recebêramos as nossas designações, quando um rapaz, do interior, levantou uma objeção. Não lhe agradava ser designado para artilheiro a bordo de um bombardeiro da Marinha. Informado de que ainda havia algumas vagas nos submarinos, objetou também.

—Vejam a coisa do seguinte modo—disse êle—eu não quero ficar nunca mais alto do que um pé de milho, nem mais baixo do que as batatas.

—B. R. T.